

SABEDORIA

Todas as culturas do mundo — a asiática, a africana, a do Médio Oriente, a do hemisfério europeu-ocidental — promoveram uma escrita sapiencial. Durante mais de meio século, estudei e ensinei a literatura que emergiu do monoteísmo e das suas secularizações posteriores. *Onde Está a Sabedoria?* surge de uma exigência pessoal, reflectindo a busca de uma sagesa capaz de aliviar e esclarecer os traumas resultantes do envelhecimento, da recuperação de uma doença grave e da dor causada pela perda de amigos queridos.

O que leio e ensino guia-se por três critérios somente: o fulgor estético, a força intelectual e a sabedoria. As pressões sociais e as modas jornalísticas podem obscurecer estes critérios durante algum tempo, mas as obras conjunturais nunca perduram. O espírito regressa sempre às suas exigência de beleza, de verdade e inteligência. A mortalidade paira, e todos nós aprendemos o triunfo do tempo. Temos um intervalo, e depois o nosso lugar deixa de nos conhecer.

Os cristãos que acreditam, os muçulmanos que obedecem, os judeus que confiam, todos eles, na ou à vontade de Deus, têm os seus próprios critérios de sabedoria, embora seja necessário que cada qual apreenda individualmente essas normas para que as palavras divinas possam esclarecer ou reconfortar. Os seculares assumem uma diferente espécie de responsabilidade e o seu interesse pela literatura da sabedoria é por vezes consideravelmente mais nostálgico ou angustiado, conforme os temperamentos. Fiéis ou não, todos nós aprendemos a aspirar à sabedoria, seja onde for que possa estar.

No começo do século XXI da nossa era, os Estados Unidos e a Europa Ocidental acham-se separados por quase tantos factores como os que os mantêm desconfortavelmente aliados. Pragmaticamente, o Novo Mundo ou Terra do

Anoitecer vive uma existência exactamente tão secular como a maior parte da Europa, mas os Americanos tendem a separar as suas vidas exterior e interior. Muitos deles têm conversas com Jesus, e os seus testemunhos podem ser convincentes nos termos que lhes são próprios. A religião, para eles, não é o ópio mas a poesia do povo, e é por isso que rejeitam o que conhecem de Marx, Darwin e Freud. E contudo também eles podem sentir a sede de uma sabedoria humana que complemente os seus encontros com o divino.

A escrita sapiencial, em meu entender, tem os seus próprios critérios implícitos de força estética e cognitiva. Este livro tenta apresentar certas normas que atraiam mulheres e homens instruídos, leitores comuns, como lhes chamou Virginia Woolf na esteira de Samuel Johnson. O mercado pulula de versões degradadas de tradições de sabedoria: estrelas *pop* ostentam fitas vermelhas que se pretendem cabalísticas, invocando portanto a tradição oculta do Zohar, obra-prima do esoterismo judaico. A sabedoria de Kierkegaard, desesperadamente instante apesar das suas máscaras irónicas, detém-se nas fronteiras do esotérico, perante aquilo a que o grande investigador da Cabala Moshe Idel chama «a Perfeição que absorve». Idel opõe-se cortesmente ao seu heróico precursor nos estudos da Cabala, o majestoso Gershom Scholem, que falara da «luz forte do canónico, de uma Perfeição que destrói». A sabedoria, esotérica ou não, parece-me ser uma Perfeição que tanto pode absorver como destruir-nos, dependendo isso daquilo que lhe levamos.

2

Que uso poderá ser o da sabedoria, se só nos é possível alcançá-la na solidão, reflectindo sobre as nossas leituras? A maior parte de nós sabe que a sabedoria desaparece no mesmo instante quando estamos em crise. A metamorfose em Job é para a maior parte de nós uma experiência mitigada: mas a sua casa cai em ruínas, os seus filhos são assassinados, o seu corpo está coberto de chagas dolorosas e a sua mulher, com um laconismo soberbo, aconselha-o: «Persistes ainda na tua integridade? Amaldiçoa Deus e morre» (2,9). É tudo o que alguma vez a ouvimos dizer e é difícil de suportar. O Livro de Job é uma forma de aquisição de consciência de si próprio, em que o protagonista acaba por reconhecer-se na sua relação com um Javé que estará ausente quando ele estiver ausente. E esta obra sábia entre todas as da Bíblia hebraica não nos garante qualquer conforto mediante a aceitação de semelhante sabedoria.

No Salmo 22, o rei David começa por se lamentar: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?», que é a exclamação que soltará na cruz o seu descendente Jesus de Nazaré. O Salmo 23 é o que canta Sir John Falstaff no seu leito de morte no *Henrique V*, como sabemos por Mistress Quickly, que funde e confunde os trechos «Nos prados de erva fresca me leva a descansar» e «Preparas uma mesa para mim diante dos meus inimigos», transformando-os em «e uma mesa de prados verdes». W. H. Auden pensava que Falstaff era para Shakespeare qualquer coisa como uma imagem de Cristo. O que me parece também confuso, mas imensamente preferível à desqualificação de Falstaff como um velho glutão namoradeiro e um senhor do desgoverno. A pungência de Auden é uma forma de sabedoria, ao passo que os académicos que denigrem Falstaff não passam, quando muito, de vampiros.

Não descobri na literatura da sabedoria uma forma de conforto: Job não poderia consolar Herman Melville nem o seu capitão Ahab, mas provocou neles uma reacção furiosa perante as perguntas retóricas que Deus faz a Job: «Poderás pescar o Leviathan com um anzol?» Eu próprio reajo com o maior furor a estas palavras de Deus: «Fará um pacto contigo?», embora aprecie o modo como o poeta do Livro de Job soberbamente evoca o Javé inicial de J, o primitivo autor do palimpsesto que hoje lemos sob os nomes de Génesis, Êxodo e Números. Caprichoso e até mesmo sarcástico, este estranhamente inquietante Javé é de temer, sendo este temor o começo da sabedoria.

Job e o Eclesiastes, Homero e Platão, Cervantes e Shakespeare falam de uma sabedoria dura, suspensa entre a ironia e a tragédia. A ironia de uma época cultural não será provavelmente a de uma outra época, mas a ironia tende sempre a dizer uma coisa enquanto significa uma outra. A tragédia, ainda que a consideremos portadora de alegria, como fazia W. B. Yeats, não era aceitável para Platão, que rejeitava o que à maior parte de nós parece ser a visão trágica da *Ilíada*. A mudança e a mortalidade não são sabedoria para Platão, que se sentiria mais descontente ainda com Cervantes e Shakespeare do que com Homero.

3

A literatura da sabedoria ensina-nos a aceitar os limites naturais. A sabedoria secular de Cervantes e de Shakespeare (ambos obrigados a dissimular o seu cepticismo pessoal) pode aproximar-se de uma espécie de

transcendência no *Dom Quixote* e no *Hamlet*, mas o Cavaleiro da Triste Figura cai no desencanto sensato de uma sepultura cristã, e o príncipe apenas alcança como apoteose o silêncio tranquilo da aniquilação.

Desde a infância, achei reconforto na sabedoria talmúdica concentrada nos *Pirke Aboth*, «Dizeres dos Pais». Na velhice, recorro com frequência aos *Aboth*, que são um aditamento posterior à gigantesca Mishná, a «Torah Oral», volume enorme que nos ensina como observar as advertências rabínicas. Os *Pirke Aboth* são por inteiro uma coleção de epigramas, aforismos, provérbios originais que suavizam a severidade da Mishná, caracterizada pelos debates morais e jurídicos. Há em inglês duas esplêndidas traduções comentadas dos *Pirke Aboth*, uma devida ao unitarista inglês R. Travers Herford (1925) e a outra ao grande erudito Judah Goldin (1957). Lembro-me de Goldin me dizer, ao oferecer-me amistosamente o pequeno livro, que admirava o trabalho de Herford, mas desejara fazer uma versão mais talmúdica dos *Aboth*. As duas traduções são esplêndidas, e utilizarei aqui ambas, como intercambiáveis.

Hillel costumava dizer: Se não for eu por mim, quem será por mim? E quando o faço, que sou eu? E se não agora, quando?

(Herford, p. 34)

Hillel costumava dizer: Quem por mim então, senão eu? E por mim sendo, que sou eu? E se não agora, quando?

(Goldin, p. 69)

Há aqui uma sabedoria perfeita, equilibrada. Afirmo-me, mas se for por mim próprio somente, não será bastante, e se não falar agora mesmo, tanto por mim como pelos outros, quando o farei? Hillel também observou: «Não digas: estudarei quando tiver tempo — pois talvez nunca venhas a ter tempo.» Quem poderá esquecer estas palavras de Hillel: «Num lugar onde não há homens, esforça-te por ser um homem»? Com humor ainda quando se mostra azedo, Hillel consegue tornar-se absolutamente memorável:

Costumava ele dizer: Mais carne, mais vermes; mais riqueza, mais cuidados; mais mulheres, mais bruxaria; mais servas, mais luxúria; mais servos, mais roubos; mais Torah, mais vida; mais assiduidade, mais sabedoria; mais conselho, mais entendimento; mais caridade, mais paz. Aquele que adquire um bom nome adquire-o para si. Aquele que adquire as palavras da Torah adquire para si a vida do mundo por vir.

Repito para comigo o meu aforismo favorito da Sabedoria dos Pais, a advertência subtilmente ponderada do rabi Tarphon: «Não te é exigido que completes o trabalho, mas também não és livre de desistir dele.» Por mais aulas que tivesse de dar e por muito que tivesse de escrever, quando estava doente, deprimido ou exausto, recompunha-me com a música cognitiva de Tarphon no ouvido interior. Mas vou concluir estas reflexões preliminares com a maior das figuras de entre os fundadores do judaísmo tal como hoje o conhecemos, o rabi Akiba, martirizado pelos Romanos acusado de inspirar contra eles a insurreição de Bar Kochba, no século II da nossa era.

Costumava ele dizer: Tudo é dado em oferenda, e a rede estende-se sobre todos os vivos; a venda está aberta e o vendeiro fia, e o livro de contas está aberto e a mão escreve, e todo aquele que quer emprestado pode vir e pedir o seu empréstimo; e os cobradores rondam a todo o momento cada dia e reclamam o pagamento de cada homem, saiba-o ele ou não. E têm fundamento para o que fazem, e o juízo é o juízo da verdade, e tudo está preparado para o banquete.

(Herford, p. 89)

Costumava ele dizer: tudo se dá em oferenda e uma rede é lançada sobre todos os vivos: a venda abre-se, e o vendeiro dá-te crédito, o livro grande continua aberto, e a mão escreve, e aquele que deseja pedir emprestado chega e pede; e os cobradores rondam cada dia, e exigem constantemente o pagamento a cada homem, com o seu consentimento ou sem ele. A sua reclamação tem em que fundar-se. E o juízo é um juízo de verdade. E tudo está preparado para o festim.

(Goldin, p. 144)

Tudo isto retempera a Aliança, como pouco mais há que possa fazê-lo. Se a sabedoria é a fé na Aliança, não vejo como poderia então a sabedoria ir mais longe.